

O Sapec- O músico que mancava



Sapec à direita em Parada do Pinhão

Ainda de bengala, ele tocava a sua trompa como se ali estivesse o seu maior tesouro...

Lembro uma arruada por caminhos de cabras onde para além dos músicos e de um mordomo, mais ninguém se atrevia a passar por ali a acompanhar a banda. O Sapec não quis ser dispensado desse mau bocado de caminho: a bengala dava-lhe força e ânimo. Passados alguns momentos a tortura das pernas afligiam-no obrigando-o a cambalear de tal forma que um cão sentindo-se ameaçado rosou-lhe junto das pernas. O músico não quis estragar o toque da marcha nem interromper a sua parte de melopeia acompanhadora...espera corajosamente por um momento de pausa prolongada, puxa sorrateiramente pela bengala e acerta em cheio na cabeça do cão ao mesmo tempo que o bombo e os pratos exibiam forte, três estrondosas pancadas. **O cão não mais incomodou** e o Sapec sorriu pela proeza deixando-se invadir pelo irreprimível desejo de tocar a sua trompa.

Quem conviveu com ele, ficou tocado pela sua simpatia e simplicidade. O Sapec era alguém de quem se gostava facilmente, homem que prodigalizava a cordialidade com verve e eloquência. Gostava da vida e das pessoas com quem facilmente criava relações de amizade. A sua generosidade excedia todas as expectativas, porque quando ele falava era o coração que lhe ditava as palavras e os actos que o conduziam nas suas idiossincrasias.

Ainda hoje o Sapec é lembrado como uma referência na Banda de Mateus, facilmente dominado por emoções e êxtases que o faziam verter lágrimas quando da banda se lhe falava. Tinha sempre uma história para contar. “No tempo do Sargento Ilídio, é que era! Ninguém brincava em serviço, era um mestre

de respeito”, desabafava enquanto as mãos lhe tremiam e os olhos tremelicavam arrastando-o ao perfeito mundo dos sonhos e da saudade...

O seu rosto banhava-se em serenidade, mesclado de poesia no olhar e o seu sorriso era grande e inspirava a doce harmonia transfigurada em suspiros e sussurros peçados de bondade.

O seu sentido altruísta não passava despercebido a ninguém. E os músicos mais novos achavam-no uma espécie de patriarca, um conselheiro e um amigo. Na Banda de Mateus tocou até não mais poder caminhar. **Ainda de bengala, ele tocava a sua trompa** como se ali estivesse o seu maior tesouro e o seu guia espiritual. A expressão do esforço enquanto coxeava nas arruadas, era compensada pelos favores que ele dizia receber do patrono da banda e que, segundo as suas próprias palavras, Frei Vicente o amparava e o reconfortava. De olhar nostálgico e profundo lembrava:” Em tempos eu tocava trompete, e, não sendo um grande músico, conseguia desempenhar o meu papel... nesse tempo de rapaz, as meninas olhavam muito para mim, não pela minha figura ou pela delicadeza do meu bigode mas, porque elas gostavam do instrumento que eu tocava...”desabafava assim nos últimos tempos de vida Manuel dos Santos (de seu nome), enquanto, cambaleante, a bengala o amparava e o puxava discretamente para cima, evitando qualquer tipo de compaixão.

Por vezes alguns músicos, face a serviços extenuantes, entravam em exercícios delirantes de cacofonia insuportável de palavras agressivas e intimidatórias, grosserias que tomavam proporções descomunais e inadequadas para filarmónicos pertencentes a uma banda com um passado colorido de sucessos. E quando muitos músicos discutiam ao mesmo tempo em cima do coreto aquele espaço tornava-se numa espécie de **nave de loucos desorientados**...era neste cenário pouco ortodoxo que o Sapec sofria a bom sofrer. Ele interpunha-se no meio dos desordeiros levantando a bengala num propósito de contenção e não de ameaça. No entanto, o poder dissuasor da contenda estava mais na imploração do olhar pacifista do Sapec do que propriamente na posição da bengala subida para os ares...

Entre muitas fotografias com ele na Banda de Mateus, prendo-me a uma em Parada do Pinhão, (era eu o mestre em 1975) em frente ao coreto, vaidoso, apenas porque está ao lado de alguns músicos muito novos e das primeiras meninas na banda. Não admira a sua pose. Ele sabia que ali estava o futuro da colectividade que tanto amava. Com tamanha alegria estampada no rosto, a sua felicidade é intensa e parece que a vai querer levar para o incomensurável mundo do além...

**aderito.silveira@hotmail.com*